

# سككس

ARQUEOLOGIA | PATRIMÓNIO | HISTÓRIA LOCAL

ISSN 2182-7265

**online**

IIª série #18 (tomo 2) Jan. 2014

---

## **VALE DE JUNCO**

**gravuras da Idade do Ferro  
no Douro Superior**

---

---

**Lisboa Islâmica**

**estudo do sistema defensivo**

---

**Achado de Candeia de Vidro**

**na villa romana da Quinta de S. João**

---



**CAA**

Centro de Arqueologia de Almada

**há mais na internet**

# al-madān

[<http://www.almadan.publ.pt>]

**toda a informação  
sobre as edições em papel  
à distância de alguns toques**



**Iª Série  
(1982-1986)**

**índices completos  
resumos dos artigos  
onde comprar  
como encomendar  
como assinar  
como colaborar**

...



**IIª Série  
(1992-...)**

uma edição



**CAA**

Centro de Arqueologia de Almada





Capa | Jorge Raposo

Complexo conjunto de motivos da Idade do Ferro, gravados por incisão em rocha localizada em Vale de Junco (Sebadelhe, Vila Nova de Foz Côa). Fotografia © Filipe Alves Pina e Mário Reis.



II Série, n.º 18, tomo 2, Janeiro 2014

Propriedade e Edição |  
Centro de Arqueologia de Almada,  
Apartado 603 EC Pragal,  
2801-601 Almada Portugal  
Tel. / Fax | 212 766 975  
E-mail | [secretariado@caa.org.pt](mailto:secretariado@caa.org.pt)  
Internet | [www.almadan.publ.pt](http://www.almadan.publ.pt)

Registo de imprensa | 108998  
ISSN | 0871-066X (edição impressa)  
ISSN | 2182-7265 (edição digital)  
Publicidade | Elisabete Gonçalves  
Periodicidade | Semestral  
Distribuição |  
<http://issuu.com/almadan>

Director | Jorge Raposo  
([director.almadan@gmail.com](mailto:director.almadan@gmail.com))

Conselho Científico |  
Amílcar Guerra, António Nabais,  
Luís Raposo, Carlos Marques da Silva  
e Carlos Tavares da Silva

Redacção | Vanessa Dias,  
Ana Luísa Duarte, Elisabete  
Gonçalves e Francisco Silva

Resumos | Jorge Raposo (português),  
Luísa Pinho (inglês) e Maria Isabel  
dos Santos (francês)

Modelo gráfico | Jorge Raposo

Tratamento de imagem, ilustração e  
paginação electrónica | Jorge Raposo

Revisão | Vanessa Dias, Elisabete  
Gonçalves, Fernanda Lourenço e  
Sónia Tchissole

Colaboram neste número |

Telmo António, Dário Antunes,  
José Morais Arnaud, António Rafael  
Carvalho, Cidália Duarte, José  
d'Encarnação, Alexandra Figueiredo,  
António Ginja, Mónica Ginja,  
Fernando Robles Henriques, António  
Manuel Lima, Conceição Lima, Pedro

Marques, Salette Santos Melo, Cláudio  
Monteiro, Pedro Pereira, Filipe Alves  
Pina, Rui Pinheiro, Inês Vaz Pinto,  
Eduardo Porfírio, Mário Reis, Ana  
Cristina Ribeiro, Sérgio Rosa, Cézer  
Santos, Ricardo Soares, Ana Rita  
Trindade e Chia-Chin Wu

Com o Tomo 2 da *Al-Madan Online* completa-se a planificação editorial do Centro de Arqueologia de Almada para o n.º 18 da revista, na sequência do Tomo 1 digital, colocado *online* em Julho de 2013, e do volume impresso apresentado publicamente em Novembro último (informação detalhada em <http://www.almadan.publ.pt/>). A resposta dos colaboradores a este modelo e ao ritmo de publicação semestral continua muito positiva, comprovando a dinâmica de investigação e divulgação nas áreas temáticas a que a *Al-Madan* se dedica, numa perspectiva pluridisciplinar muito mais abrangente do que a configurada pelas fronteiras convencionais da Arqueologia e dos seus diferentes “terrenos”. Reúnem-se nas páginas seguintes reflexões tão diversificadas quanto as que tratam o direito latino na Hispânia romana ou de um microtopónimo de eventual origem pré-latina, associado a documentação que remonta às origens da nossa nacionalidade. A atenção crescente que é dedicada à presença islâmica traduz-se na abordagem das suas marcas, presente na arquitectura civil e militar de Alcácer do Sal e de Lisboa. E, por fim, é discutido que tipo de resistência individual à “regra” se manifestaria nos conventos femininos dos séculos XVII e XVIII.

No plano mais especificamente arqueológico, realça-se a investigação sobre o megalitismo funerário, do já conhecido monumento da Roça do Casal do Meio (Sesimbra) aos que pontuam o território do município de Avis. A arte rupestre está presente na divulgação e interpretação de rocha gravada identificada em Vale de Junco, eventualmente inspirada nas abundantes manifestações artísticas da região do Côa. São ainda abordados os resultados de intervenções arqueológicas recentes em Almada e Coimbra, a primeira em contextos urbanos dos séculos XV a XVII, a segunda em imóvel integrado no Mosteiro de Santa Cruz. Dois estudos de materiais dão a conhecer uma candeia em vidro recolhida na *villa* romana da Quinta de S. João / Quinta da Laranjeira (Seixal), e a tipologia de um conjunto de contentores cerâmicos de tipo *dolium* identificados no Castro de Guifões (Matosinhos). O papel das Arqueociências no enriquecimento da investigação é exemplificado em artigo sobre as potencialidades da radiação ultravioleta para detectar microcontextos arqueológicos invisíveis ao olho humano. Há ainda espaço para noticiar a produção oitocentista de faianças na zona de Leiria e o que se sabe da evolução arquitectónica da igreja do Colmeal (Góis), cujas raízes remontam à baixa Idade Média. E também para divulgar inquérito internacional à actividade arqueológica na Europa, enquadrado em Portugal pela Associação Profissional de Arqueólogos. A encerrar, faz-se o balanço de três congressos científicos recentes: em Lugo, dedicado às “cidades de poder” na Hispânia romana; em Tróia, sobre a produção e difusão das ânforas lusitanas; e em Lisboa, celebrando os 150 anos da Associação dos Arqueólogos Portugueses. Bons motivos de leitura, que certamente corresponderão ao interesse diversificado dos leitores da *Al-Madan Online*.

Jorge Raposo

EDITORIAL ...3 ▶

OPINIÃO

Algumas Considerações  
Acerca do *Ius Latii* na Hispânia |  
Pedro Marques ...6 ▶

*Venobriga* / Viombra (Ancede, Baião) |  
António Manuel de Carvalho Lima ...15 ▶



A *Proto-Madrassa* al-Muwaḥḥid  
de Qaṣr al-Faṭḥ / Alcácer [do Sal]:  
definição e localização |  
António Rafael Carvalho  
e Chia-Chin Wu ...20 ▶

Lisboa Islâmica:  
contributos para o estudo  
do sistema defensivo |  
Salette Santos Melo ...42 ▶



*A Vaidade Secular, e Indevocação do  
Espírito, que em Taes Objectos se Deleita:*  
cultura material e subversão nos conventos  
femininos em Época Moderna |  
Ana Rita Trindade ...53 ▶

ARQUEOLOGIA



O (re)Monumento Funerário da Rocha  
do Casal do Meio (Arrábida / Sesimbra):  
as “histórias” da investigação e os novos dados  
(1960-2013) | Ricardo Soares ...65 ▶



Apontamentos Sobre o Megalitismo  
Funerário no Concelho de Avis |  
Ana Cristina Ribeiro ...75 ▶

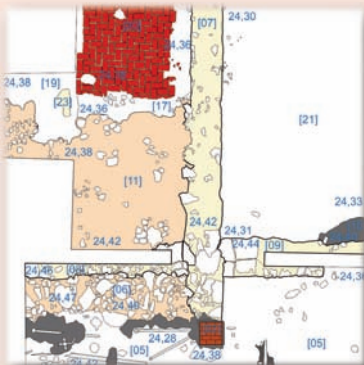


Vale de Junco (Sebadelhe, Vila Nova de  
Foz Côa): uma nova rocha com gravuras  
da Idade do Ferro no Douro Superior |  
Filipe Alves Pina e Mário Reis ...89 ▶



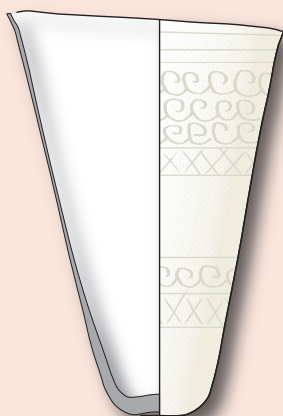
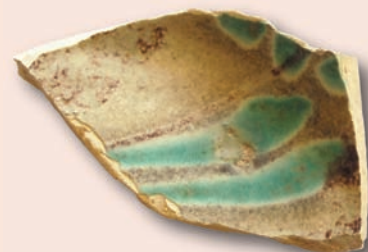
A Casa do Maestro Leonel Ferreira (Almada):  
um vislumbre para o quotidiano dos séculos XV a XVII |  
Fernando Robles Henriques, Telmo António  
e Sérgio Rosa ...100 ▶

Intervenção  
Arqueológica  
no Restaurante Jardim  
da Manga (Coimbra):  
resultados preliminares |  
Dário Antunes e  
Eduardo Porfírio ...109 ▶



## NOTICIÁRIO ARQUEOLÓGICO

Rua de Pêro Alvito, Leiria: notícias  
sobre a produção oitocentista de faiança |  
Mónica Ginja e António Ginja ...136 ▶



## ESTUDOS

Sobre o Achado de uma  
Candeia de Vidro na *Villa*  
Romana da Quinta de S. João /  
Quinta da Laranjeira  
(Arrentela, Seixal) |  
Cézer Santos ...117 ▶

Evolução Arquitectónica da  
Igreja do Colmeal: de uma  
pequena ermida baixo-medieval  
até à actual igreja |  
Rui Pinheiro ...139 ▶



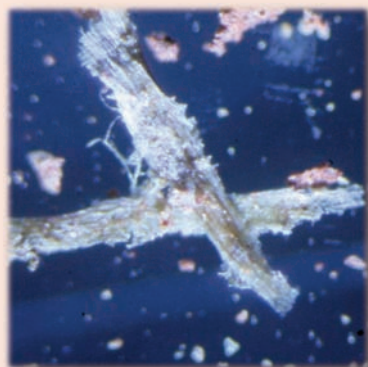
Conhecer a Profissão de Arqueólogo  
em Portugal e na União Europeia |  
Cidália Duarte ...143 ▶



Os Recipientes de  
Tipo *Dolium* no Castro  
de Guifões (Guifões, Matosinhos): novos dados  
para o estudo da romanização de um castro marítimo |  
Conceição Lima e Pedro Pereira ...125 ▶

## EVENTOS

As Cidades do Poder na Hispânia Romana  
e a Descoberta de uma Cidade Singular |  
José d'Encarnação ...144 ▶



## ARQUEOCIÊNCIAS

Contribuição da Radiação  
Ultravioleta na Investigação  
e Deteção de Micro-Contextos  
Arqueológicos | Cláudio Monteiro  
e Alexandra Figueiredo ...131 ▶

Ânforas Lusitanas: poucas... mas por  
todo o lado - breve crónica de congresso  
internacional sobre ânforas, em Tróia |  
Inês Vaz Pinto ...147 ▶

I Congresso da Associação  
dos Arqueólogos Portugueses |  
José Morais Arnaud ...150 ▶



# Vale de Junco (Sebadelhe, Vila Nova de Foz Côa)

## uma nova rocha com gravuras da Idade do Ferro no Douro Superior

Filipe Alves Pina<sup>1</sup> e Mário Reis<sup>II</sup>

### 1. INTRODUÇÃO

A rocha de Vale de Junco foi descoberta em Fevereiro de 2013 por um de nós, Filipe Alves Pina, num trabalho de acompanhamento arqueológico no âmbito do empreendimento “Instalação de Ramal Primário e Secundário de Fibra Óptica”, relativo ao projecto das redes de Nova Geração da Zona Norte, no concelho de Vila Nova de Foz Côa (PINA, 2013: 60-63). A rocha encontra-se a poucos metros da estrada que liga as povoações de Cedovim e Sebadelhe, ao lado da vala aberta para instalação da rede de fibra óptica, mas não foi minimamente afectada pela obra. O outro autor deste texto, Mário Reis, foi na altura contactado informalmente pelo autor da descoberta para ajudar na melhor identificação das gravuras incisas da rocha. Decidimos agora fazer a sua apresentação pública, tendo sobretudo em conta a novidade da descoberta e a raridade deste tipo de gravuras. Sendo verdade que são extraordinariamente abundantes as gravuras rupestres da Idade do Ferro no espaço restrito da área de dispersão da arte do Côa (ver REIS, 2011), também são, pelo contrário, relativamente escassas no resto da Península Ibérica, e este achado relança a questão de saber se essa escassez reflecte a realidade ou se é um género de gravuras até agora pouco visível aos olhos da investigação arqueológica, sendo esta descoberta apenas um indício de que muitas mais haverá por identificar.

Administrativamente, a rocha localiza-se na freguesia de Sebadelhe, concelho de Vila Nova de Foz Côa, distrito da Guarda, em plena região do Douro Superior. A inserção na freguesia de Sebadelhe oferece algumas dúvidas, pois encontra-se aproximadamente sobre a linha divisória das freguesias de Sebadelhe e Cedovim, mas os dados disponíveis apontam mais para a sua pertença a Sebadelhe.

Apresentação de rocha gravada identificada em 2013, no acompanhamento arqueológico de uma obra realizada em Vale de Junco (Sebadelhe, Vila Nova de Foz Côa, Guarda). O monumento apresenta motivos incisos da Idade do Ferro e da Idade Moderna, tendo afinidades estilísticas com as gravuras destes períodos localizadas no vizinho vale do Côa. Por ora isolado no vale da ribeira da Teja, só trabalhos futuros permitirão saber se constitui uma manifestação pontual, talvez inspirada na prolífica exuberância de gravuras da região do Côa, ou se indicia que a arte rupestre da Idade do Ferro poderá ser muito mais abundante e dispersa do que é hoje reconhecido.

PALAVRAS CHAVE: Idade do Ferro;  
Arte rupestre; Vale do Douro.

### ABSTRACT

The authors present an engraved rock identified in 2013, during archaeological monitoring of construction works in Vale de Junco (Sebadelhe, Vila Nova de Foz Côa, Guarda). The monument features engraved motifs from the Iron Age and Modern Age, bearing stylistic similarities with engravings of the same eras found in the neighbouring Côa Valley. Although it is so far isolated in the Teja stream valley, only future work will show whether it is a random occurrence – perhaps inspired by the prolific existence of engravings in the Côa region –, or if it may be evidence that Iron Age rock art could be much more abundant and spread than presently recognized.

KEY WORDS: Iron Age;  
Rock art; Douro Valley.

### RÉSUMÉ

Présentation d'une roche gravée identifiée en 2013, lors de l'accompagnement archéologique d'un ouvrage réalisé à Vale de Junco (Sebadelhe, Vila Nova de Foz Côa, Guarda). Le monument présente des motifs incisés de l'Age du Fer et de l'Age Moderne, ayant des affinités stylistiques avec les gravures de ces périodes localisées dans la vallée voisine du Côa.

Pour le moment isolé dans la vallée du ruisseau de la Teja, seuls de futurs travaux permettront de savoir s'il constitue une manifestation ponctuelle, peut-être inspirée par la prolifique exubérance de gravures dans la région du Côa, ou s'il montre que l'art rupestre de l'Age du Fer pourrait être plus abondant et plus dispersé que ce qui est aujourd'hui reconnu.

MOTS CLÉS: Âge du Fer;  
Art rupestre; Vallée du Douro.

<sup>1</sup> OMNIKOS - Arqueologia, Valorização do Património e da Cultura, Lda. ([elike.filipe@gmail.com](mailto:elike.filipe@gmail.com)).

<sup>II</sup> Parque Arqueológico do Vale do Côa / Fundação Côa Parque ([marioreis@sapo.pt](mailto:marioreis@sapo.pt)).

Este texto é uma primeira apresentação da rocha e das suas gravuras, não tendo pretensões de oferecer uma interpretação finalizada. São gravuras incisas muito finas, formando motivos de pequena dimensão, em superfícies que por vezes têm alguma irregularidade e com diversas patologias, como fracturas e lascamentos, que pontualmente afectam os motivos gravados. Estes factores, adicionados à frequente multiplicidade de traços em espaços exíguos, oferecem bastantes dificuldades à visualização, e só um levantamento rigoroso permitiria uma interpretação mais definitiva. Por falta de tempo e condições, decidimos não fazer esse levantamento, e a descrição que à frente apresentamos, necessariamente incompleta, baseia-se na observação directa das gravuras e em fotografia de alta resolução com luz rasante.



FIG. 1 – Localização da rocha de Vale de Junco em Portugal e na Península Ibérica.

## 2. A ROCHA NA SUA REGIÃO

A rocha localiza-se numa encosta de suave declive na margem esquerda da ribeira do Vale de Junco, uma pequena linha de água que integra a intrincada rede hidrográfica da margem esquerda da ribeira da Teja. Esta linha de água afluí a uma outra ribeira de maior dimensão que, por sua vez, rapidamente atinge a ribeira da Teja. A distância mais curta, em linha recta, entre a rocha e a ribeira da Teja é de 1440 metros, e coincide com a foz desta segunda ribeira. A zona caracteriza-se pelas colinas baixas e de declives pouco acentuados, maioritariamente ocupadas hoje com esteval denso, que junto à Teja cedem lugar a terrenos planos agricultados.

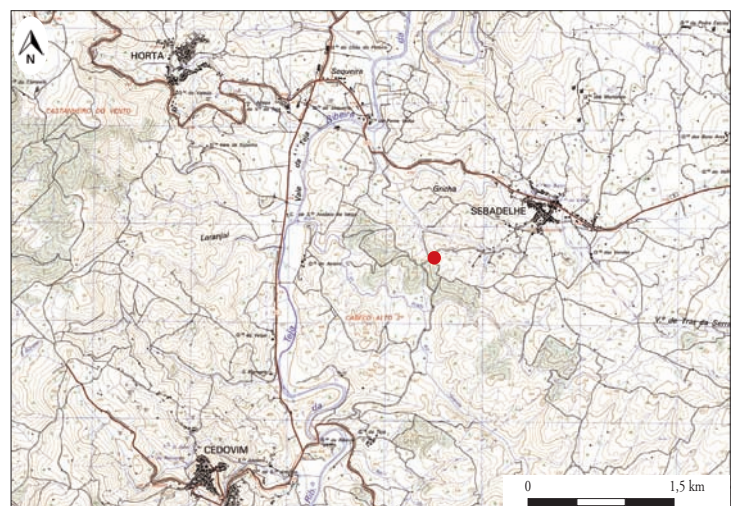
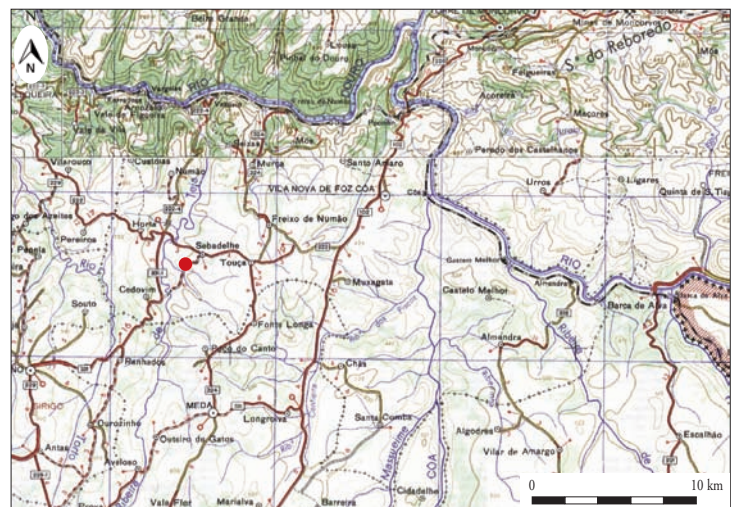
A ribeira da Teja, não sendo dos afluentes mais importantes da margem Sul do Douro, é ainda assim um curso de água com alguma notoriedade no Douro Superior. Nasce um pouco a Norte de Trancoso e desagua na margem esquerda do Douro na freguesia de Numão, concelho de Vila Nova de Foz Côa. Em linha recta, faz um percurso de aproximadamente 36 quilómetros, num trajecto de Sul para Norte.

Nascendo em pleno planalto beirão, tem um percurso inicial bastante linear entre serranias graníticas. A partir da aldeia de Cedovim, já em terras fozcoenses, entra em terrenos xistosos, e ganha sinuosidade no percurso. O vale é aqui largo e aplanado, com amplos e bons terrenos agrícolas, na margem da ribeira e entre colinas de encostas suaves, por vezes pontuadas por afloramentos dispersos. É aqui que se encontra a rocha gravada, entre Cedovim e Sebadelhe, um pouco a Sudoeste desta última aldeia. Poucos quilómetros a Norte, a partir da aldeia de Numão, a ribeira entra de novo em terrenos graníticos e inicia a descida final e acentuada para o Douro, num vale mais estreito e profundamente cavado.

FIGS. 2 E 3 – Localização da rocha de Vale de Junco.

Em cima, no Douro Superior, em extracto da *Carta Militar de Portugal*, escala 1: 250 000, folhas 1, 2 e 4.

Em baixo, no concelho de Vila Nova de Foz Côa, vale da ribeira da Teja, em extracto da *Carta Militar de Portugal*, escala 1: 25 000, folha 140.



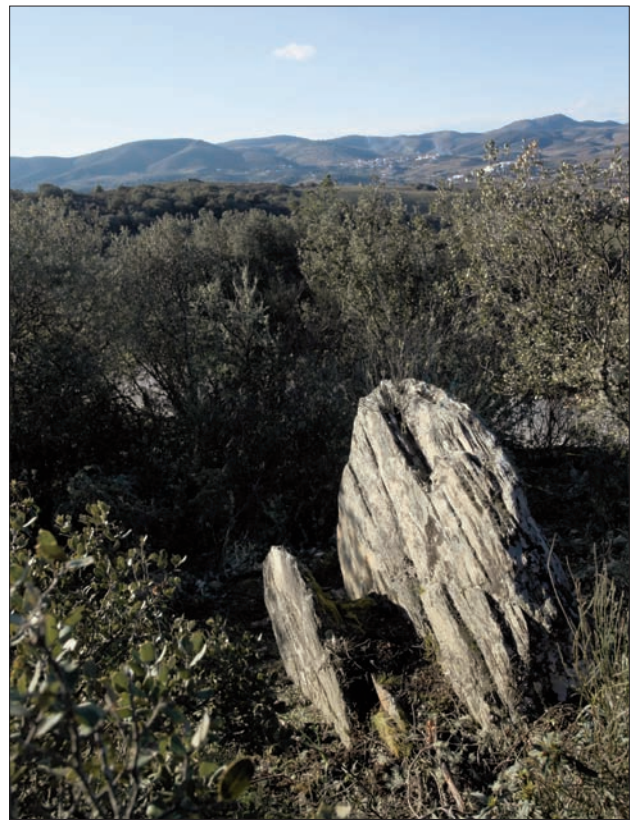


**FIG. 4** – Vista sobre o largo vale da ribeira da Teja na zona onde se implanta a rocha de Vale de Junco (assinalada pela seta, um pouco à direita da povoação de Sebadelhe). Na extremidade esquerda da imagem vê-se o castelo de Numão. Fotografia tirada do alto do Castanheiro do Vento.

### 3. CONTEXTO ARQUEOLÓGICO LOCAL

Como se verá a seguir, podemos distinguir pelo menos duas fases distintas de gravação nesta rocha, e que são a Idade do Ferro em primeiro lugar, e um momento indeterminado da Época Moderna. Para esta última fase de gravação, os motivos não oferecem grandes pistas quanto à razão porque foram aqui executados, mas há dois aspectos a salientar sobre a localização da rocha. Por um lado, esta surge quase encostada ao antigo caminho entre as povoações de Sebadelhe e Cedovim. Por outro, encontra-se praticamente na linha divisória entre as duas freguesias, de tal forma que é difícil dizer a qual delas pertence (embora a proximidade e a ligação a Sebadelhe sejam bastante mais evidentes do que a Cedovim). Parece assim possível que esta localização tão específica, ao lado de um caminho e na divisória dos territórios de duas povoações, esteja relacionado com a escolha deste afloramento para fazer algumas gravuras em tempos recentes.

Já um contexto da Idade do Ferro parece menos evidente. Nas proximidades há apenas um sítio arqueológico com ocupação da Idade do Ferro conhecida, o Castanheiro do Vento, embora seja uma ocupação mal conservada e pouco caracterizada neste período (ver CARDOSO, 2007: 100-105; CARDOSO *et al.*, 2009: 151). Há outras possibilidades, no entanto. As aldeias de Cedovim e Sebadelhe desenvolveram-se em torno de cabeços com boas condições para a existência de povoados fortificados da Idade do Ferro, e o desconhecimento da sua existência pode eventualmente dever-se a falta de investigação arqueológica. Sá Coixão refere também o sítio do Castelo Velho de Seixas como tendo ocupação da Idade do Ferro (COIXÃO, 1996: 60). Outra possibilidade é o Castelo de Numão, onde se sabe existir uma ocupação pré-histórica no topo do morro, havendo também uma importante ocupação de Época Romana na base deste (COIXÃO, 1996:



**FIG. 5** – Um aspecto do afloramento gravado. Em último plano, à esquerda, vê-se o sítio do Castanheiro do Vento.

73 e 123-124). É assim possível que haja também uma ocupação da Idade do Ferro ainda por identificar devidamente, embora Coixão refira sumariamente a existência de cerâmicas da Idade do Ferro, mas sem substanciar (COIXÃO, 1996: 73)<sup>1</sup>. Refira-se ainda que vistoriámos o morro com o topónimo “Cabeço Alto” (ver Fig. 3), situado perto da rocha gravada e com aparentes boas condições de implantação, mas sem resultados, não parecendo tratar-se de um sítio arqueológico.

<sup>1</sup> A existência de cerâmicas da Idade do Ferro em Numão, para já descontextualizadas, foi-nos também confirmada pelo arqueólogo João Muralha, a quem agradecemos a informação.



FIG. 6 – Paineil 1. As três zonas gravadas destacam-se pela cor castanha e avermelhada, a zona 1 no lado inferior direito, a zona 2 no lado inferior esquerdo, e a zona 3 em cima, junto ao rebordo, divisível por sua vez em duas partes.

Uma outra possibilidade contextual a ter em conta é a deste sítio poder associar-se a uma ocupação já de Época Romana. Exemplos surgem-nos no Vale do Côa, com as pedras gravadas do Olival dos Telhões e do Paço, ambas encontradas em contexto arqueológico romano, mas com gravuras estilisticamente da Idade do Ferro (REIS, 2011: 83-84). Diga-se que não se demonstrou que aquelas gravuras sejam cronologicamente romanas, apenas que surgem associadas a um contexto ocupacional romano, e que se tratam de pedras soltas, não havendo nenhum exemplo similar na região do Côa com afloramentos gravados da Idade do Ferro. Assim, embora esta hipotética associação nos pareça improvável, podemos referir a existência de um sítio romano nas proximidades da rocha, o sítio de Soutinho / Vale de Junco (COIXÃO, 1996: 160). Localiza-se a pouco mais de 600 metros em linha recta da rocha gravada, na base do morro denominado “Castelo” na povoação de Sebadelhe.

Há ainda outra possibilidade, para já meramente conjectural, a considerar para investigação futura. Foi recentemente escavado em Vila Nova de Foz Côa um sítio aberto da Idade do Ferro: Folhal 2 (ver base de dados *Endovélico*: CNS 33800). Localiza-se num vale fértil e aberto, tal como este da ribeira da Teja, e é o primeiro sítio com esta cronologia e características a ser identificado no Douro Superior, levantando a hipótese de as características da ocupação humana neste período serem mais diversas do que o mero “povoado fortificado”. É possível que ocupações similares possam ocorrer nas imediações da rocha, fornecendo um contexto de proximidade para já não reconhecido.

Mas, apesar da distância apreciável a que se encontra (cerca de quatro quilómetros em linha recta), é o sítio do Castanheiro do Vento que se afigura, pelo menos de momento, como tendo o contexto ocupacional mais provável para esta rocha gravada. Se nos parece possível que o Castelo de Numão, pelas suas características, possa vir a afirmar-se como um sítio da Idade do Ferro bem mais importante que o Castanheiro do Vento, onde amplas campanhas de escavação revelaram escassos vestígios deste período, é este último o sítio que mais domina na paisagem do vale da ribeira da Teja e é bem visível a partir da rocha (ver Figs. 3, 4 e 5). É assim a única relação de algum tipo que de momento podemos estabelecer entre estas gravuras da Idade do Ferro e um outro local com ocupação coeva.

#### 4. DESCRIÇÃO DA ROCHA E DAS GRAVURAS

Trata-se de um afloramento de xisto, um bloco alto e estreito, alongado no sentido Este-Oeste, e formando assim duas faces principais e opostas, uma voltada a Norte e outra a Sul. Deste último lado forma-se uma saliência, mais baixa, mais estreita e mais curta que o bloco principal, que se desenvolve paralelamente a este e com características similares, apresentando igualmente duas faces paralelas e orientadas a Norte e Sul, respectivamente. Dos lados Oeste e Leste, assim como no topo, o afloramento apresenta-se muito estreito e irregular, sem faces dignas de nota. Assim, a rocha tem quatro faces ao todo, ou painéis, como a partir de agora as passaremos a designar.



**FIG. 7** – Painel 1, zona 2. Uma possível cena de caça da Idade do Ferro, com um quadrúpede em posição invertida, possivelmente um cervídeo. Junto às patas do lado direito está uma figura humana que segura uma lança. Como é geral na maioria das figuras desta rocha, a pouca definição no desenho dos motivos e o seu mau estado de conservação dificultam a interpretação.

A superfície da zona 2, no lado inferior esquerdo, é uma faixa de forma irregular, comprida e estreita, de cor castanha com laivos alaranjados. As gravuras concentram-se no seu lado direito (ver Fig. 7). Distingue-se claramente um animal quadrúpede em posição invertida, de patas para o ar e cabeça para baixo. A cauda é pouco visível, parecendo ser um pequeno coto. O corpo é formado por duas linhas rectas paralelas, sendo comprido e muito estreito. As patas, tanto traseiras como dianteiras, são representadas por duas linhas subparalelas que arrancam do corpo, e que tendencialmente se vão unindo, para no final se separarem de novo. Da dianteira do corpo eleva-se um pescoço alto e rectilíneo, do qual deverá arrancar uma cabeça que, infelizmente, não é visível

No bloco principal temos o painel 1 voltado a Norte e o painel 2 voltado a Sul. Na pequena saliência temos o painel 3, voltado para Norte (e enfrentando directamente o painel 2) e, finalmente, o painel 4, orientado a Sul. Apenas o painel 4 não apresenta gravuras. As superfícies dos painéis são bastante irregulares, mas têm algumas zonas mais lisas, com menos líquenes e de coloração variante entre o bege e um castanho-avermelhado, que contrasta vivamente com a tonalidade cinzenta-baça que predomina no restante afloramento. É nestas zonas, existentes em todos os painéis, de cor mais viva e superfície tendencialmente lisa, que se encontram todas as gravuras desta rocha. O painel 1 tem forma aproximadamente semicircular, e apresenta a superfície mais acentuadamente irregular de todos os quatro painéis. As gravuras distribuem-se por três zonas bem distintas: uma no lado inferior direito, outra no lado inferior esquerdo, e a terceira no topo superior central. Esta, por sua vez, pode-se dividir em dois sectores, superior e inferior, separados por uma lascagem da superfície. A zona 1, no lado inferior direito, tem uma pequena superfície de cor castanha, e as gravuras limitam-se a dois traços convergentes num vértice inferior, formando um triângulo sem lado superior, mas aqui a superfície está lascada, sendo possível que este motivo fosse originalmente maior e mais complexo.

devido a uns líquenes brancos que ocultam aquela zona. É apenas perceptível um traço que arranca do topo do pescoço e que segue para trás, dando a ideia que a cabeça poderá estar voltada para trás e não para a frente. Por cima do corpo do animal e ao lado das suas patas dianteiras encontra-se um motivo de difícil interpretação, mas que parece uma figura humana. A sua cabeça não é perceptível, talvez por estar em zona de fracturas, mas tem corpo, do qual saem dois braços, um para cada lado, e a zona das pernas desenvolve-se em “saio”, numa possível representação de vestimenta. A terminação do braço esquerdo contacta com uma longa linha disposta na vertical, a meio das patas do animal, e que poderá ser uma lança. A sua ponta poderá ter desaparecido nas zonas lascadas que surgem em ambos os términos da linha. Por cima e para o lado desta figura surgem variados traços, onde não discernimos motivos concretos.

Interpretamos o conjunto destes motivos como uma possível cena de caça. Embora não seja completamente evidente, tudo indica que o animal será um cervídeo, tipologicamente similar a muitas figuras no vale do Côa, nomeadamente pelo corpo rectilíneo e estreito, cauda curta e pescoço alto. A invisibilidade da cabeça dificulta a identificação, mas a aparente falta de hastes não é óbice à interpretação como cervídeo, sendo possivelmente a representação de uma fêmea, ou de

**FIG. 8** – Painel 1, zona 3. Complexo conjunto de motivos da Idade do Ferro, dominado por uma figura geométrica em losango. Em baixo, no seu interior, surgem dois motivos triangulares (pontas de lança?). Em cima, duas possíveis figuras humanas, uma de cada lado, com pequenas cabeças circulares e longos corpos sem braços nem pés.



um macho numa altura do ano em que não tem hastes. A posição inversa tem também numerosos exemplos no vale do Côa. Também a lança e a figura humana não são totalmente evidentes, a primeira pela ausência da ponta, a segunda pela ausência da cabeça e de detalhes anatómicos mais óbvios, mas parecem ser as interpretações mais plausíveis. Teremos assim um guerreiro armado de lança sobre um cervídeo derrubado, numa representação já imediatamente “pós-caça”.

A zona 3, no topo da superfície, é a maior e mais densamente gravada das três zonas, tendo uma cor castanha fortemente avermelhada, destacando-se bem no conjunto da superfície. Uma grande área lascada divide a superfície a meio. No sector superior surge uma grande e confusa quantidade de traços, de difícil interpretação, que poderão formar motivos geométrico-abstractos de formas pouco definidas. Entre os poucos motivos discerníveis encontra-se uma figura de forma triangular, bastante larga, segmentada internamente por um traço que se prolonga ligeiramente para fora. Parece tratar-se de uma ponta de lança de cabo curto, embora a interpretação não seja segura. Mais clara parece a existência de uma outra representação de lança, desta vez de ponta oval, comprida e estreita, com nervura central que se prolonga para um cabo longo. O sector inferior parece mais interessante. Tem igualmente uma ampla aglomeração de traços de difícil interpretação, mas onde surge um conjunto de motivos identificável (Fig. 8). Destaca-se uma figura geométrica em losango, em cujo interior e na secção inferior se encontram, lado a lado, dois motivos triangulares similares ao que referimos atrás e a outros que se encontram também no painel 2 (ver Fig. 10), e que pensamos serem pontas de lança. Na zona superior e externa do losango encontram-se dois minúsculos círculos, paralelamente colocados um de cada lado, com segmentações internas de difícil interpretação e com um longo traço que arranca do círculo e segue verticalmente (mais ou menos) para baixo, entrando dentro do losango (na realidade, as sobreposições mostram que a figura do losango é posterior).

O losango tem ainda grande quantidade de traços no interior, que parecem integrar o conjunto mas não formando (aparentemente) figuras definidas

A interpretação das duas figuras formadas por longo traço vertical encimado por um pequeno círculo com traços internos não é fácil, mas é possível que sejam figuras humanas, embora com poucos detalhes anatómicos (sem braços, mãos ou pés, por exemplo), corpo e pernas fundidos num só traço, cabeça minúscula e de escasso detalhe. Outras interpretações serão também possíveis, e é relevante dizer que não conhecemos figuras semelhantes no vale do Côa. O conjunto de traços mais ou menos caóticos continua para a direita deste conjunto de motivos, distinguindo-se pelo menos mais uma figura triangular.

Passamos para o painel 2, o mais complexo dos três painéis. Tem uma forma semicircular parecida com a do painel 1. A zona gravada encontra-se no sector inferior esquerdo, numa área de formato aproximadamente rectangular e de cor predominantemente bege, com pequenas manchas castanhas ou avermelhadas. Apresenta grande quantidade de traços e motivos incisos, dispersos por toda a área da zona gravada. Do lado direito, entre outros motivos de difícil decifração, distingue-se pelo menos mais um motivo triangular que poderá ser uma ponta de lança, com nervura central e cabo curto (Fig. 10).

Na zona central, vários conjuntos de traços parecem formar motivos geométrico-abstractos de formas pouco definidas. Mas o principal está na extremidade esquerda, ao longo do rebordo lateral do painel.



Uma figura chamativa é a representação de um animal, com cauda e quartos traseiros prolongando-se num corpo estreito, longo e curvado (Fig. 11). A cabeça desapareceu, infelizmente, mas são ainda visíveis as duas patas dianteiras. A falta da cabeça dificulta sobremaneira a identificação da espécie representada, mas a semelhança desta figura com motivos similares no vale do Côa leva-nos a considerar que se tratará de um cavalo, e que a sua cronologia, sem grande dúvida, é da Idade do Ferro. Logo abaixo desta figura encontra-se um conjunto confuso de muitos traços, que poderão formar um ou mais motivos, de aparente complexidade.

É também nesta zona do painel que se encontram alguns motivos diferentes. Desde logo, inscrições em caracteres cursivos, de muito pequenas dimensões e difíceis de visualizar (Fig. 12). Embora não as consigamos decifrar, a sua cronologia histórica parece-nos evidente, e não colocamos a hipótese de se tratar de inscrições da Idade do Ferro. Nas suas imediações encontram-se duas figuras zoomórficas, uma logo ao lado, e outra um pouco mais abaixo. São representações de animais, de corpo estreito e decorado internamente com faixas de traços paralelos verticais (Figs. 12 e 13). Como veremos à frente, a sua cronologia e paralelização não são fáceis de fazer, e serão provavelmente os motivos mais enigmáticos desta rocha, com uma cronologia balizável entre a Idade do Ferro e a Época Moderna.

Por fim, o painel 3. De forma e superfície muito irregular, o sector gravado surge na extremidade direita, uma pequena área de superfície lisa e de cor castanha. Tem um único motivo, formado por dois traços inicialmente paralelos mas que rapidamente convergem para um vértice. Tem algumas semelhanças com o motivo da zona 1 do painel 1, pese embora este estar incompleto.



**FIGS. 9 E 10** – Painel 2.

Em cima, o painel 2 e, em frente, a saliência rochosa onde se encontra o painel 3, frontal ao painel 2 e escondido na imagem.

Em baixo, figura triangular, uma possível ponta de lança da Idade do Ferro.



## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como referimos, a descrição que apresentamos da rocha de Vale de Junco é apenas uma primeira abordagem, necessariamente incompleta e sujeita a erro, de um conjunto de gravuras que oferece apreciáveis dificuldades à sua interpretação. Ainda assim, a inserção cronológica da maioria das suas gravuras na Idade do Ferro não nos oferece grandes dúvidas, pelas suas características estilísticas e comparação com outras gravuras similares, nomeadamente com as do vale do Côa, que bem conhecemos. Olhando para os seus três painéis gravados, parece-nos que os painéis 1 e 3 apresentam unicamente gravuras da Idade do Ferro. O painel 2 apresenta maioritariamente figuras da Idade do Ferro, mas tem também outro tipo de motivos, incluindo algumas pequenas inscrições e ainda duas figuras zoomórficas de mais difícil caracterização.

A inserção cronológica da maioria dos motivos na Idade do Ferro baseia-se essencialmente na possível cena de caça da zona 2 do painel 1 (Fig. 7), no denso conjunto de motivos da zona 3 do mesmo painel (Fig. 8), ou no possível cavalo do painel 2 (Fig. 11). Um tipo de motivo que se repete, com vários exemplares nos painéis 1 e 2, é a figura triangular segmentada (Figs. 8 e 10), cuja interpretação como ponta de lança parece a mais provável, e que tem paralelos muito fortes em numerosos motivos da estação de Molelinhos, por exemplo (CUNHA, 1991).

Quanto às outras figuras do painel 2, as pequenas inscrições em caracteres cursivos são de cronologia histórica evidente, muito provavelmente já pós-medievais (Fig. 12). Mais problemáticas são as duas representações de animais com o corpo decorado (Figs. 12 e 13).

**Fig. 11** – Pannel 2. Representação zoomórfica, possivelmente um cavalo. À esquerda são bem visíveis os quartos traseiros, que se prolongam num corpo estreito e ondulado. O pescoço e a cabeça desapareceram numa esfoliação da superfície, mas as duas patas dianteiras são ainda perceptíveis.

Numa primeira observação, parecem enquadrar-se bem numa cronologia da Idade do Ferro. No entanto, um olhar mais atento mostra que, estilisticamente, são algo diferentes das restantes figuras zoomórficas desta rocha, e não conhecemos paralelos próximos nas figuras proto-históricas do vale do Côa. Assim, parece-nos mais provável a sua pertença a períodos mais recentes, não tanto pela sua proximidade às inscrições referidas, mas porque são estilisticamente próximas de figuras da arte popular de origem rural, com alguns exemplares que conhecemos no vale do Côa, por exemplo.

Olhando para além da região do Douro Superior, vemos que estas duas figuras se enquadram bem dentro do estilo definido como “Arte Esquemática Linear” (ver, por exemplo, ABÊLANET, 1986: 285-301), existente num vasto âmbito territorial que vai do Sul de França e Norte de Itália até Portugal. Ainda que as figuras zoomórficas sejam relativamente raras dentro deste estilo, onde predominam figuras geométrico-abstractas e representações de armas, podemos citar em Portugal pelo menos uma que apresenta fortes semelhanças com estas duas figuras da rocha de Vale de Junco, e que é o motivo 13 da rocha 7 da Aguaita, no vale do Guadiana (ALVES, 2001: 20). O problema está no seu enquadramento cronológico. Não sendo este o lugar para uma discussão aprofundada de um estilo de arte que tem merecido poucos estudos sistemáticos (ver ALVES, 2001: 46), podemos adiantar



algo sobre as dificuldades de enquadrar estes motivos. Abèlanet sugere que a maioria das figuras deste estilo seja proto-histórica, mas admite que possa haver um longo ciclo de gravação, que se prolongaria pela Idade Média. Na referida rocha da Agualta, a maioria das figuras podem ser enquadradas na Idade do Ferro, mas existe pelo menos uma figura antropomórfica de clara cronologia moderna.

**FIGS. 12 E 13** – Painei 2.

Em cima, pequenas inscrições em caracteres cursivos, de um momento indeterminado da Época Moderna. Na zona inferior vê-se parte de um animal, de cronologia talvez similar ao da Fig. 13.

Em baixo, figura zoomórfica de espécie indeterminada. A sua atribuição cronológica é incerta, entre a Idade do Ferro e a Época Moderna.

Voltando ao vale do Côa, repetimos que os melhores paralelos que encontramos para estas figuras estão em motivos que, regra geral e pelo menos até ao momento, têm sido considerados de época histórica e não da Idade do Ferro. Aliás, comparando os motivos ilustrados deste estilo na obra de ABÉLANET (1986: figs. 65-74) com o que conhecemos no vale do Côa, há muitos que se assemelham bastante a figuras da Idade do Ferro do Côa, mas há outros (e entre estes sobretudo algumas figuras antropomórficas e zoomórficas) cuja semelhança é com motivos que consideramos como posteriores à Idade do Ferro e que, na maioria dos casos, serão mesmo de Época Moderna.

Assim, concluindo, não é possível adiantar uma cronologia segura para as duas figuras zoomórficas decoradas, ao contrário das restantes figuras nesta rocha, de cronologia aparentemente mais fácil de definir. O seu balizamento estará entre a Idade do Ferro e a Época Moderna, e só será possível ser mais preciso quando surgirem estudos mais detalhados e concretos sobre este estilo artístico e este tipo de figuras. No entanto, tendo em conta os exemplos que conhecemos no vale do Côa (admitidamente ainda pouco estudados), pensamos que uma cronologia histórica, possivelmente moderna, será mais provável que uma cronologia proto-histórica.

Mudando de assunto, a rocha de Vale de Junco claramente partilha várias características com as vizinhas gravuras coevas do vale do Côa, desde logo nas temáticas e estilos. Há uma outra característica que também partilha com este grupo, e que é a falta de uma relação óbvia com o povoamento conhecido da Idade do Ferro. Nesse aspecto, contrasta fortemente com um grupo de gravuras da Idade do Ferro não muito distantes, também na região do Douro, e que são as gravuras dos castros de Yecla de Yeltes (MARTÍN VALLS, 1973 e 1983) e de Las Merchanas (VÁZQUEZ MARCOS, 2011), na província espanhola de Salamanca. Nestes dois casos, as gravuras têm uma relação directa e inequívoca com os dois castros em que se encontram, situando-se a grande maioria dos exemplares, em ambos os castros, em pedras da muralha ou em blocos rochosos subjacentes à muralha. Isto mostra que pode haver alguma diversidade na forma como as populações da Idade do Ferro vivenciavam a sua arte rupestre, havendo situações muito diferentes em populações vizinhas, como estas. Isso é tanto mais interessante quanto as respectivas gravuras são bastante semelhantes.

Começando pela temática, dominada em ambas as regiões por figuras de animais, sobretudo cavalos e cervídeos, figuras humanas, frequentemente armadas, e diversas representações geométrico-abstratas. Mas também no estilo há semelhanças entre as gravuras dos lados português e espanhol do vale do Douro. É verdade que Martín Valls considera que as gravuras de Yecla de Yeltes se relacionam essencialmente com os chamados petróglifos galegos do mesmo período. Mas essa não é a nossa opinião, e pensamos que a descoberta da arte do Côa permite compreender melhor este aspecto. As gravuras galegas são picotadas em granito, tal como as salmantinas, ao contrário das gravuras incisas do Vale do Côa ou da rocha de Vale de Junco, feitas em xisto. A execução técnica de uma gravura em granito é muito mais difícil e condicionadora do que em xisto, e esse é um dos factores que aproxima as gravuras galegas e salmantinas. Outro factor será que toda a arte da Idade do Ferro na Península Ibérica terá parentescos estilísticos fortes, a galega não sendo excepção, mesmo considerando que terá antecedentes pré-históricos muito fortes e particulares que a influenciam grandemente. Assim, há semelhanças gerais entre motivos coevos gravados nos castros salmantinos e na Galiza, mas essas semelhanças estilísticas são bastante mais evidentes com os motivos do lado português da fronteira, nomeadamente se tomarmos em conta uma categoria particular de motivos, as figuras animais, cujos pormenores estilísticos, como os contornos da cabeça, são típicos das figuras gravadas em xisto, nomeadamente no Côa.

Desta forma, tendo em conta a semelhança e os parentescos entre os motivos gravados da Idade do Ferro no vale do Douro, será futuramente um tema interessante de estudo avaliar a maneira como essa arte se insere nos territórios e na paisagem, e como populações coevas e próximas, cultural e geograficamente, podem ter soluções bastante diversas neste aspecto.

E isto leva-nos a uma última questão, para a Idade do Ferro na Península Ibérica, que é a actual dissociação entre o conhecimento do povoamento e o conhecimento da arte rupestre.

Não tendo pretensões de conhecermos a fundo a realidade peninsular da distribuição de sítios arqueológicos da Idade do Ferro, mas extrapolando da realidade conhecida em Portugal e na Galiza, podemos dizer que o conhecimento do povoamento da Idade do Ferro é amplo, conhecendo-se muitos povoados, nomeadamente fortificados, ocupando com regularidade e densidade apreciável os territórios peninsulares. Já o conhecimento de outro tipo de sítios, como povoados abertos ou necrópoles, por exemplo, será bastante menos completo. No tocante à arte rupestre, é notório o aumento recente do número de sítios conhecidos ao longo da Península (ver, por exemplo, ROYO GUILLÉN, 2009). No entanto, a distribuição da arte rupestre conhecida claramente não acompanha de perto a dos sítios de ocupação, nomeadamente a dos povoados fortificados.

Podemos então perguntar-nos se esta dissociação corresponde, *grosso modo*, à realidade, ou se decorre essencialmente do actual estado de investigação arqueológica, estando ainda por descobrir muitos dos sítios com arte rupestre da Idade do Ferro?

Inclinamo-nos mais para a segunda hipótese. O actual aumento no número de sítios conhecidos deve-se não só à descoberta de novas rochas, mas também à descoberta de placas gravadas em escavações arqueológicas cuidadosas, como o caso do castro de Formigueiros na Galiza (MEIJIDE CAMESELLE, 2011), ou no vale do Sabor, em Portugal (SANTOS *et al.*, 2012), levando-nos a suspeitar que em muitas escavações antigas se poderão ter perdido este tipo de vestígios, e que outros estarão ainda por identificar em sítios não intervencionados.

Voltando ao exemplo dos castros salmantinos, parece pouco crível que Yecla de Yeltes e Las Merchanas sejam os únicos povoados na região com gravuras.

Por outro lado, a própria rocha de Vale de Junco fornece algumas pistas sobre este assunto. A sua descoberta surgiu de forma casual, encontrava-se na área para ser vistoriada num acompanhamento arqueológico.

No entanto, pode considerar-se um monumento quase invisível na paisagem, e sem este trabalho de acompanhamento poderia ter-se mantido longamente sem ser descoberta, apesar da sua localização ao lado de uma estrada.

Muitas rochas com arte rupestre, e particularmente se esta for incisa, não se oferecem facilmente aos nossos olhos. Parece-nos natural pensar que o futuro proporcionará muitas mais descobertas, e que a actual diferença na distribuição entre povoamento e arte rupestre virá a diminuir. Até que ponto, e quais as suas *nuances* regionais, ainda é cedo para vaticinar. 🐾

## BIBLIOGRAFIA

- ABÉLANET, Jean (1986) – *Signes Sans Paroles. Cent siècles d'art rupestre en Europe occidentale*. Hachette.
- ALVES, Lara Bacelar (2001) – *Intervenção Arqueológica no Sítio com Arte Rupestre da Aguialta 7 (Mourão, Évora)*. Relatório policopiado.
- CARDOSO, João Carlos Muralha (2007) – *Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa). Um Recinto Monumental do IIIº e IIº milénio a.C.: problemática do sítio e das suas estruturas à escala regional*. Dissertação de Doutoramento apresentada à Universidade do Porto.
- CARDOSO, João Muralha; CARVALHO, Bárbara; VALE, Ana Margarida; GOMES, Sérgio; JORGE, Vítor Oliveira e VELHO, Gonçalo Leite (2009) – “Intervenção Arqueológica em Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa). Campanha de 2008”. *Côavisão*. Vila Nova de Foz Côa: Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa. 11: 149-164.
- COIXÃO, António do Nascimento Sá (1996) – *Carta Arqueológica do Concelho de Vila Nova de Foz Côa*. Vila Nova de Foz Côa: Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa.
- CUNHA, Ana Leite (1991) – “Estação de Arte Rupestre de Molelinhos: notícia preliminar”. In *Actas das IV Jornadas Arqueológicas (Lisboa, 1990)*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 253-265.
- MARTÍN VALLS, Ricardo (1973) – “Insculturas del Castro Salmantino de Yecla de Yeltes: nuevos hallazgos y problemas cronológicos”. *Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología*. Valladolid. 39: 81-103.
- MARTÍN VALLS, Ricardo (1983) – “Las Insculturas del Castro Salmantino de Yecla de Yeltes y sus Relaciones con los Petroglifos Gallegos”. *Zephyrus*. Salamanca. 36: 217-231.
- MEIJIDE CAMESELLE, Gonzalo (2011) – “Novas Perspectivas sobre a Cultura Castrexa na Provincia de Lugo. As achegas do castro de Formigueiros (Samos)”. In DOPICOS CAÍNZOS, Dolores e VILLANUEVA ACUÑA, Manuel (eds.). *Actas do curso “A Prehistoria en Lugo á Luz das Descobertas Recentes” (Lugo, 24 e 25 de Abril de 2009)*. Lugo: Deputación de Lugo, pp. 121-136.
- PINA, Filipe Alves (2013) – *Projecto do Ramal Primário e Secundário de Fibra Óptica (Vila Nova de Foz Côa): relatório de Progresso n.º 2, acompanhamento arqueológico, Fevereiro 2013*. OMNIKOS. Relatório policopiado.
- REIS, Mário (2011) – “Prospecção da Arte Rupestre do Côa: ponto da situação em Maio de 2009”. In RODRIGUES, Miguel Areosa; LIMA, Alexandra Cerveira e SANTOS, André Tomás (eds.). *Actas do V Congresso de Arqueologia - Interior Norte e Centro de Portugal (Figueira de Castelo Rodrigo, Meda, Pinhel e Vila Nova de Foz Côa, 13 a 6 de Maio de 2009)*. Porto: Caleidoscópio/Direcção Regional de Cultura do Norte, pp. 11-123.
- ROYO GUILLÉN, José Ignacio (2009) – “El Arte Rupestre de la Edad del Hierro en la Península Ibérica y su Problemática: aproximación a sus tipos, contexto cronológico y significación”. *Salduie*. Zaragoza. 9: 37-69.
- SANTOS, Filipe; SASTRE, José; FIGUEIREDO, Sofia Soares; ROCHA, Fábio; PINHEIRO, Eulália e DIAS, Rodrigo (2012) – “El Sitio Fortificado de Castelhinho (Felgar, Torre de Moncorvo, Portugal). Estudio preliminar de su diacronia y las plaquetas de piedra con grabados de la Edad del Hierro”. *Complutum*. Madrid: Universidad Complutense. 23 (1): 165-179.
- VÁZQUEZ MARCOS, Carlos (2011) – “El Castro de Las Merchanas (Lumbrales, Salamanca) y sus Insculturas”. In CUBAS MARTÍN, Noemi; SALINAS DE FRÍAS, Manuel e HIDALGO RODRÍGUEZ, David (eds.). *Arqueología, Patrimonio, Prehistoria e Historia Antigua de los Pueblos “Sin Pasado”: ecos de la Lusitania en Arribes del Duero*. Salamanca, pp. 111-124.

# al. madan online

[<http://www.almadan.publ.pt>]

[<http://issuu.com/almadan>]

**uma edição**



## CAA

Centro de Arqueologia de Almada

[<http://www.caa.org.pt>]

[<http://www.facebook.com>]

[[secretariado@caa.org.pt](mailto:secretariado@caa.org.pt)]

[212 766 975 | 967 354 861]

[travessa luis teotónio pereira, cova da piedade, almada]